

guintes, definindo nova espacialização, com base na lógica de ocupação das grandes avenidas – “vias expressas de circulação”. Nesse processo, identificam que é nessas vias, sobretudo nas que se localizam na parte sul da cidade, que se concentram as atividades mais modernas do terciário, enquanto as localizações terciárias tradicionais têm assumido novas funcionalidades.

No texto final: “Globalização. Idéias soltas no ar”, Márcio M. Valença faz uma exposição sintética de várias temáticas vinculadas ao processo de globalização por ele denominadas de “idéias soltas no ar”. Limite-me a enumerá-las: o conceito de “globalização”; GLOBALIZAÇÃO ou globalização?; os excluídos da globalização; o comando da globalização; Saber ver a globalização; globalização e Estados nacionais; globalização e identidade; mundialização x globalização; cultura da globalização; a pós-modernidade; ideologia da globalização; instabilidade no sistema; decisão racional, caos e crise; os veículos da globalização de informações; a globalização financeira; o mercado globalizado; a produção globalizada; produção de energia e meio-ambiente; globalização de ontem e de hoje.

Finalizada a apresentação dos trabalhos, defendendo que o livro *Globalização & desigualdade* constitui um bem-sucedido momento de articulação de esforços intelectuais para a análise acurada de questões contemporâneas, sem ficar na mera constatação dos resultados das pesquisas. Rompe com essa tradição, ao assumir uma postura propositiva, indicando a celebração de uma nova arquitetura institucional e a implementação de políticas públicas com caráter participativo como caminhos para a superação da imbricação até então existente entre *Globalização & desigualdade*.

PLANNING LATIN AMERICA'S CAPITAL CITIES – 1850-1950

Arturo Almandoz (Org.)

Prefácio de Anthony Sutcliffe

Londres: Routledge, 2002.

Eloísa Petti Pinheiro (UFBA)

A idéia de um livro sobre as capitais da América Latina, publicado na Planning, History and the Environment Series, foi proposta por Arturo Almandoz em 1999 e logo se materializou. Essa publicação, que consta de um ensaio do organizador sobre a urbanização e o urbanismo na América Latina e de oito artigos com estudos de caso envolvendo nove cidades,¹ não pretende esgotar os estudos sobre as transformações e a europeização do espaço de todas as cidades da América Latina, mas, baseada nos casos estudados, entender como a América Latina processou, em maior ou menor grau, suas reformas urbanas tendo a Europa como referência.

O período trabalhado – 1850-1950 – se justifica pela identificação da modernização urbanística importada pela América Latina da Europa, ao mesmo tempo que as economias e as sociedades latino-americanas foram profundamente transformadas por suas ligações com países europeus, um processo que se estende de meados do século XIX a meados do século XX, quando então a influência dos Estados Unidos torna-se mais forte.

Mais especificamente, os textos demonstram que quase todas as capitais da América Latina foram, de formas diferenciadas, influenciadas pela arquitetura e o urbanismo *Beaux-Arts*. Essa influência acontece pelo grande número de profissionais latino-americanos que estudam na Europa, a maioria na França, e, também, pelo trabalho de muitos profissionais franceses que elaboram planos e projetos para cidades latino-americanas. O resultado é uma série de proje-

¹ Buenos Aires, a great European city, de Ramón Gutiérrez; The time of the capitals. Rio de Janeiro and São Paulo: words, actors and plans, de Margareth da Silva Pereira; Cities within the city: urban and architectural transfers in Santiago de Chile, 1840-1940, de Fernando Pérez Oyarzun e José Rosas Vera; The urban development of Mexico City, 1850-1930, de Carol McMichael Reese; The script of urban surgery: Lima, 1850-1940, de Gabriel Ramón; Havana, from Tacón to Forestier, de Roberto Segre; Caracas: territory, architecture and urban space, de Lorenzo González Casas; e Urbanism, architecture, and cultural transformations in San Jose, Costa Rica, 1850-1930, de Florencia Quesada.

tos e intervenções que buscam, na escala e grandeza de Paris, inspiração para criar sua própria imagem.

Para que o leitor possa compreender os diferentes processos de desenvolvimento e urbanização das cidades abordadas, Almandoz apresenta, na “Introdução”, uma análise das diferentes perspectivas com que os diversos autores, que se debruçaram sobre os processos urbanos na América Latina, tratam o período proposto. Com uma visão diferente da teoria da dependência – que reduz as mudanças sociais a uma imposição do modelo cultural de fora –, a adoção do modelo urbanístico europeu é vista como um componente da relação cultural mantida pela sociedade latino-americana com os mais avançados países capitalistas do Atlântico Norte.

Em todo o livro destacam-se as questões que analisam desde o forte domínio da Inglaterra na economia e da França na política e na cultura até a necessidade de modernização como forma de atrair capitais internacionais e a importação de propostas urbanísticas da Europa, sem com isso generalizar processos distintos na incorporação dessas influências nas capitais das repúblicas emergentes. No que se refere às questões urbanas, o período abordado vai desde a influência das intervenções de Haussmann em Paris e da *Beaux-Arts*, que inspiraram propostas para a criação da “cidade burguesa”, até o surgimento das metrópoles, quando se encerra o ciclo europeu e cresce o domínio dos Estados Unidos na região.

Com exceção de Havana, cujo domínio espanhol se estende até final do século XIX e permite a adoção do modelo de *ensanche* de Cerdà, na maioria das capitais latino-americanas são os trabalhos de Haussmann na Paris do Segundo Império a base de referência implícita ou explícita para os governos nacionais e locais.

Na formação da “cidade burguesa”, a fascinação das jovens repúblicas latino-americanas pela França e Grã-Bretanha pode-se atribuir à forte presença econômica e política européia nos seus mercados, porém, longe de ser uma imposição cultural, revela a necessidade de as elites latino-americanas estreitarem laços com metrópoles mais desenvolvidas.

Outra questão importante é a de que apesar da importação urbanística ser o resultado da dependência cultural das elites, nos casos apresentados, é a incorporação de elementos locais que leva Almandoz a sugerir a mudança da noção de colonialismo cultural

para reinvenção cultural – o que o autor chama de “inovação sintética” (*synthetic innovation*) nos países receptores.

As idéias importadas da Europa são apenas parte de uma cultura urbana mais ampla. Na base da aproximação cultural, chegando até a transferência de propostas urbanas, identifica-se a existência de um híbrido de manifestações, na arquitetura e no urbanismo, de peculiaridades em busca de uma identidade, via progresso e modernização, a partir de meados do século XIX.

Pode-se perceber mais essas manifestações em cidades de países com economias em desenvolvimento, como Argentina, Brasil e Chile. Nos países onde esse desenvolvimento ocorre mais lentamente, como Peru, Venezuela e Costa Rica, e onde o capital internacional do bloco do Atlântico Norte não tem tanto interesse, percebemos menos as manifestações próprias. Nesses países são as cidades latino-americanas que servem como referência – como ocorreu no Brasil, em que algumas cidades tem como modelo a reforma de Pereira Passos, ocorrida no Rio de Janeiro de 1902 a 1906. Por exemplo, Buenos Aires influencia as intervenções em Santiago e esta última serve de modelo para as reformas de Lima.

O progresso e a civilização buscados pelos governantes liberais do século XIX abriram caminho para a incorporação dos preceitos da *Belle Époque* nas capitais latino-americanas. Como se pode perceber, nos estudos de caso apresentados por Almandoz, muitas vezes as comemorações do centenário da Independência possibilitam o debate urbanístico e arquitetônico que evidencia o conflito entre o ideal estético do século XIX e a demanda social e política do século XX, como, por exemplo, os projetos elaborados por visitantes estrangeiros, inspirados pelos princípios acadêmicos da construção estética, como os projetos de Bouvard para São Paulo e Buenos Aires; as propostas de Forestier para Buenos Aires e Havana; e, mais tarde, o plano de Agache para o Rio de Janeiro. A partir de 1930, as propostas passam a incorporar novas metodologias e conceitos técnicos.

Todas essas questões discutidas ao longo do texto são relevantes, mas a problemática principal do livro centra-se na transferência das idéias urbanísticas – e também da arte, literatura e moda – da Europa para a América Latina, tendo como tema paralelo o articulado debate urbano nas capitais e a fundamentação do

moderno urbanismo como disciplina nas repúblicas, processo que, aparentemente, ocorre em contato com o *background* europeu.

A divisão em três partes dos estudos de caso, segundo o organizador, expressa a diferença de desenvolvimento entre os países latino-americanos e facilita o entendimento dos distintos processos, deixando clara a existência de um fio condutor, um ponto em comum – a referência a modelos urbanos europeus.

Na primeira parte, “*Capitals of the booming economies*”, estão incluídas as cidades de Buenos Aires, Santiago do Chile, Rio de Janeiro e São Paulo, como emergentes metrópoles de economias em desenvolvimento que se relacionam com o bloco do Atlântico Norte a partir da segunda metade do século XIX.

Em “*Early viceregal capitals*”, segunda parte, a Cidade do México e Lima são classificadas como antigas capitais dos vice-reinos espanhóis que perdem importância regional após a independência.

Já na terceira parte, “*The Caribbean rim and Central America*”, as três capitais estudadas – Havana, Caracas e San José da Costa Rica – possuem diferentes condições políticas e econômicas combinadas com áreas urbanas diferenciadas, em escala e problemáticas, e produzem intrigante e inexplorada expressão de europeização na era republicana.

Apesar das consideráveis diferenças entre as capitais latino-americanas, é possível encontrar um eixo comum na transferência das idéias urbanísticas europeias que ajudaram a recriar o caráter dessas capitais sob a égide da modernidade europeia. O que Almandoz pretende, com essa publicação, é preencher um vazio existente na historiografia urbana ao prover as coordenadas para se entender as tendências de difusão de um urbanismo importado pelas capitais latino-americanas, desde o período pós-colonial, quando a europeização é mais evidente, até a consolidação da predominância da técnica e da cultura dos Estados Unidos.

Por fim, essa coletânea que Almandoz nos apresenta reúne textos de qualidade e de grande importância para a historiografia da cidade e do urbanismo latino-americanos. A perspectiva comparada nos mostra como as cidades capitais de países latino-americanos social, política, cultural e economicamente distintos realizam processos de transformação urbana comparáveis, em que se identificam muitos pontos de convergência através da adaptação de modelos importados e

da europeização. Também é de grande importância sua publicação em inglês por uma grande editora inglesa possibilitando sua inserção na historiografia internacional, que pouco espaço tem dado às questões urbanas da América Latina.